

A MEPRA

CONTOS



Prof. Dr. Salvador Mazza
Primeiro Chefe da Misión de Estudios de Patología
Regional Argentina (1926-1946)

Lino Roberto Morales

Tradução Sandra Brachet-Cota

A MEPRA

A meu pai

PRÓLOGO

Prezado leitor:

Você se perguntará, não sem razão, por que esta série de contos se intitula “A Mepra”. Em primeiro lugar, eu devo assinalar que MEPRA é um acrônimo, cujas siglas significam “Missão de Estudos de Patologias Regionais Argentinas”.

A Mepra foi criada como órgão dependente do Instituto de Clínica Cirúrgica da Faculdade de Medicina da Universidade de Buenos Aires, no final da década de vinte, pelo infatigável trabalho do médico bacteriológico Salvador Mazza.

Esse sábio argentino, nascido na cidade de Rauch em junho de 1886, formou-se como médico na Universidade de Buenos Aires. Doutorou-se na mesma instituição e foi designado bacteriólogo do então Departamento Nacional de Higiene. Depois ele teve a seu cargo o lazareto da ilha Martín García, cuja função era detectar portadores sadios de germes de cólera entre os imigrantes.

O doutor Mazza substituiu o doutor Carlos Malbrán, após sua renúncia, na titularidade da cátedra de Bacteriologia, onde havia sido professor substituto. Desempenhou-se também como chefe de laboratório do Hospital de Clínicas de Buenos Aires. Realizou viagens aos principais centros científicos de Londres, Paris, Berlim e Hamburgo, e trabalhou durante algum tempo no Instituto Pasteur da Argélia e da Tunísia. Ali fez amizade com Charles Nicolle, Premio Nobel de Medicina, quem foi considerado por Mazza como o pai espiritual de todos seus trabalhos.

O bacteriólogo argentino continuou com os estudos do eminente científico brasileiro Carlos Roberto Justiniano das Chagas, quem descobriu em 1912 o parasita causador da doença endêmica que leva seu nome. Com o apoio de Nicolle, o Dr. Mazza criou a primeira Sociedade Científica de Jujuy dedicada a estudar as doenças regionais, da qual surgiram numerosas filiais que se espalharam por todas as zonas críticas do país.

A doença descoberta por Chagas ganhou a atenção da comunidade científica nacional e internacional graças ao trabalho infatigável do Dr. Mazza, quem apresentou múltiplos casos e impôs rigor científico às pesquisas sobre essa patologia. Trata-se de uma endemia que ainda hoje afeta milhões de latino-americanos e provoca milhares de mortes por ano. Seu agente etiológico é o trypanossoma cruzi.

A Mepra desenvolveu suas atividades na sua sede central na cidade de Jujuy. Contava com filiais nos pontos do país mais afetados pelas patologias regionais.

Em 1946, enquanto dava uma palestra em Monterrey (México), o Dr. Salvador Mazza morreu vítima de um ataque cardíaco. No ano seguinte, a Mepra foi trasladada a um casarão senhorial do bairro de Flores desta cidade de Buenos Aires.

Eu morei ali com meus pais desde o ano da sua chegada, 1947, até o ano de 1956. Em 1957, por resolução da Universidade, a Mepra foi instalada na Faculdade de Medicina, reduzida a apenas dois quartos. Seu funcionamento

A MEPRA

cessou definitivamente no ano de 1958, por ordem do Reitorado da Universidade de Buenos Aires.

Ao longo de vinte anos, a Mepra centralizou o trabalho infatigável de um grupo multidisciplinar de científicos dirigidos pelo doutor Mazza, desde sua fundação em Jujuy até sua agonia em Buenos Aires. Seu principal intuito sempre foi a luta contra as patologias regionais. Uma delas, a doença de Chagas, assanha-se tenazmente contra os mais pobres e despossuídos da terra.

Eu não tive a sorte de conhecer pessoalmente o doutor Mazza. Porém, minha juventude decorreu na Mepra criada por ele. E cada vez que eu observava, em uma das paredes da sala principal, o retrato do doutor, cujo fac-símile ilustra a capa deste livro, descobria sob seu rosto destemido e seu olhar severo uma justa repreensão pelo nosso abandono do caminho de luta que tanto lhe havia custado construir.

Um esclarecimento final: os contos que integram este livro são apenas narrações que misturam as vivências juvenis com o mágico mundo da ficção, embora eles pressuponham alguma pesquisa sobre o doutor Mazza, o bicho-barbeiro preto e o trypanossoma cruzi.

A MUDANÇA

Aconteceu na primavera de 1947. Meu pai chegou com a notícia de que tínhamos que nos mudar para um casarão do bairro de Flores. A Mepra, uma dependência da Universidade que ia ser trasladada da cidade de Jujuy, funcionaria ali. Nosso novo domicílio seria uma casa muito grande e senhorial, localizada sobre a Avenida Avellaneda, com febril e ruidoso trânsito veicular.

As comparações vieram: de um bairro situado nos subúrbios de Buenos Aires, Floresta, e de morar em uma ruazinha de terra intransitável quando chovia, eu passava para um lugar onde troavam a seu passo os bondes 89 e 99, interferindo a cada vez que isso acontecia com as emissões do nosso velho rádio capela. Pensei, e não errava, que em Floresta ia deixar a pátria da minha infância.

Logo notei que estava perdendo o culto à vizinhança que se praticava na passagem Edmundo de Amicis. Talvez a estreiteza da rua de terra nos fizesse mais comunicativos, mais solidários. Apesar de o quarteirão ser um mosaico de nacionalidades, todos os vizinhos se conheciam e se cumprimentavam e ajudavam mutuamente. Ao entardecer, os mais velhos colocavam as cadeiras na calçada e batiam papo, enquanto nós preparávamos a grande fogueira de São Pedro e São Paulo.

A despedida foi muito triste, no entanto refleti sobre as vantagens da mudança: mesmo que eu houvesse perdido a possibilidade de passar quase o dia todo com a turma de Floresta, o fato de saber que ia me mudar para um lugar onde seria trasladada uma dependência da Universidade de Buenos Aires me enchia de mistério e alegria. Eu disse para mim, à guisa de consolo, que igualmente continuaria indo ao Colégio República do Peru, uma esplêndida escola de estilo colonial localizada no bairro que ia abandonar. Ali continuaria vendo meus companheiros e meu melhor amigo: o Lute.

Vivíamos com minha avó Teresa e meu tio Daniel. Esse era o irmão mais novo da minha mãe e o único espanhol da família. No entanto, era o mais argentino de todos, porque viera da Espanha com só um ano de idade. Os

outros irmãos, entre eles minha mãe, ainda que houvessem nascido na Argentina, moraram vários anos além do mar.

Meu tio Daniel sempre dizia que seu maior desejo era conhecer a vila na qual havia nascido, Valtuille de Abajo. Quando me despedi dele, perguntei-me se seu sonho se realizaria alguma vez. Sem dúvida, minha avó o contagiara com a morrinha pela terra natal.

Quando contei para o Lute aonde me mudava, ele ficou triste, embora tentasse dissimular mostrando entusiasmo.

No sábado seguinte a nossa mudança, eu estava lhe ensinando as coisas que havia na Mepra. Comecei pela entrada, depois a imensa e senhorial sala principal onde se encontrava, imponente, a escrivaninha do Diretor. Pendurado em uma das paredes, um retrato solene presidia a sala: era o Doutor Salvador Mazza, quem com gesto austero nos observava através de seus escuros óculos de tartaruga.

Em um salão contíguo havia uma coleção de mais de cem variedades de barbeiros. Alguns de grande tamanho, outros pequenos. Por toda parte havia prateleiras com revistas e livros de diferentes lugares do mundo – alguns em alemão com escrita gótica, muito esquisita para mim. Depois vinham os escritórios administrativos e as salas onde estavam os laboratórios. Em vitrinas fechadas com chave havia diferentes classes de microscópios e uma balança de grande precisão. A cozinha era muito ampla e azulejada até o teto, inclusive. Ainda havia canastras com coisas que foram trasladadas de Jujuy. Comentava-se que haviam despachado dois vagões completos pela Ferrovia Belgrano.

Os animais do laboratório, cobaias e ratos, encontravam-se em um barraco. Meu pai tivera a manha de levantar provisoriamente vários habitáculos até que fossem construídos os lugares definitivos. Nos quartos do fundo, além de tubos de ensaio e pipetas, havia grandes recipientes de vidro com partes do corpo humano conservadas em formol. Eu comentei ao Lute o que sabia: que haviam pertencido a pessoas que morreram por causa de diferentes doenças regionais. A visão dos restos do corpo humano, carcomidos pela enfermidade e talvez pelo formol, produziu um grande espanto ao Lute, que se descompôs.

Uma cachorrinha sobrevivente de muitos experimentos viera de Jujuy. Transformou-se em uma mais da família e, como boa Lulu da Pomerânia, era a

A MEPRA

grande perseguidora das ratazanas e camundongos que pululavam no casarão. Seu nome era o homônimo da instituição. Era uma “mepra”, ou “meprinha”, como a chamávamos carinhosamente.

Apesar de levar pouco tempo na Mepra, eu parecia um avezado pesquisador de patologias regionais. A admiração do Lute pelas coisas que lhe dizia e lhe mostrava era indissimulável.

SESTA DE VERÃO

A majestosa palmeira presidia o amplo jardim da Mepra. Impunha-se entre as demais árvores, não apenas por seu tronco reto e longo povoado por inumeráveis e inextricáveis folhas pinadas, como porque das suas alturas partia o vozeio ininterrupto de incontáveis pardais.

Naquele domingo à tarde, o canto agudo, contínuo e monocórdio não cedia nem um instante. Além do mais, seu volume parecia aumentar em forma incessante. Meu pai, ainda cansado pela faina da mudança, havia-se deitado para tirar um cochilo.

O silêncio se impunha. Quando eu ouvi o assobio inconfundível do Lute, corri para abrir sigilosamente o grande portão de entrada. Chegamos ao terraço através de uma escadinha de metal bastante pesada que devíamos desarrimar da parede, e fizemo-lo o mais devagar possível. O terraço cobria toda a parte dianteira da edificação. No centro se destacava o teto corrediço de vidro, que dava luz aos quartos do térreo. Sua abertura e fechamento eram acionados do pátio central mediante um sistema de alavancas e engrenagens. O sol dava em cheio nas lajotas, concentrando um calor abrasador que transpassava a sola de nossos tênis.

O Lute estava ansioso por ver a obra acabada. Ele havia sido testemunha de como eu fabricara a atiradeira. Comecei-a em Floresta. Ele viu como fui transformando um galo seco em um “Y” perfeito de uns quinze centímetros de comprimento por dez de largo. A atiradeira era uma obra de arte. O elástico bem afirmado nos extremos superiores do “Y”, fechando-se na parte oposta com um retém de couro para guardar a munição.

Mostrei ao Lute a obra já finalizada. Ele fez o silêncio que apenas a admiração pode produzir. Silêncio que contrastava com a algaravia ensurdecadora dos pássaros que povoavam a palmeira, alheios ao mortífero instrumento que eu tinha em minhas mãos. O Lute me instigou a prová-la.

– O que melhor para isso que os pássaros da palmeira! – me disse. E me forneceu a munição: bolinhas de gude esmagadas que já não prestavam para brincar.

A MEPRA

Coloquei-me em uma esquina da açoteia que se encontrava a uns escassos metros da zona onde os pardais continuavam com sua interminável tagarelada. Carreguei a atiradeira como um profissional da guerra, apanhando fortemente o madeiro com a mão direita e segurando o projétil dentro do retém com a outra.

Estiquei com toda minha força o elástico. O primeiro tiro saiu assobiando e bateu secamente na zona dos ninhos. Uma revoada de asas apavoradas elevou-se procurando o céu salvador. Esperamos em vão. Não houve resposta. Ainda sem vítimas. Era um silêncio diferente daquele que anuncia a odiada chegada da gralha azul – quietude apenas interrompida pelo ruído que produz sua inquieta procura de ovos e filhotes. Esse era um silêncio por algo desconhecido.

– A caça é uma questão de paciência – me disse o Lute – Você mantenha a atiradeira carregada e espere. Algum pardal desapercibido vai aparecer.

Foi assim. Um pardal exaurido, alheio ao que havia acontecido, posou-se no extremo de uma das folhas baixas da palmeira, que se balançou ao compasso de seu peso. Essa era minha oportunidade. Eu retesei a funda com toda minha força e o tiro partiu velozmente. Foi direto à presa. Bateu em cheio no pardal que, desenhando uma espiral, caiu no jardim. Era como ver no cinema “Avellaneda” os aviões de caça caírem abatidos na Primeira Guerra Mundial.

Corremos para ver minha façanha. O Lute pulava de alegria ao meu redor enquanto eu, novel caçador com doze anos, olhava espantado a vítima. Levantei o pardal. Uma mancha avermelhada brotava entre as penas de seu peito. Algo viscoso saía de seu bico.

Eu fui rapidamente chamar meu pai. Não me importava que se enfurecesse por ser acordado de sua almejada sesta de verão.

– Ele sabe muito sobre animais e o pode salvar! – eu disse ao Lute.

Eu estava tão angustiado que meu pai não me disse nada. Olhou o pardal, examinou-o, abriu seu bico, movimentou suas patas e as asas e me disse:

– É uma fêmeazinha. Ela não tem o barbeiro preto nem a coroa cinza dos machos. O tiro foi certo, ela não sofreu nada. Os que vão sofrer são seus filhotes, que a estarão esperando e logo vão morrer irremediavelmente de fome.

No jardim, entre duas plantas de calas, eu fiz um pequeno e profundo poço. Enterrei o pardal e também a macabra atiradeira. Eu nunca consegui banir de

A MEPRA

minha mente a imagem dos filhotes que com seus bicos abertos esperariam, a cada vez mais impacientes, a chegada de sua mãe.

O JUJENHO

Quisque, auxiliar de laboratório e estudante crônico de medicina, foi o único que aceitou se mudar para Buenos Aires da província de Jujuy, onde funcionava a Mepra. Eu tive com ele uma relação por demais cordial, diversa da que mantinha com os médicos que iam e vinham indiferentes, sempre apressados por não sei que coisas importantes. O juvenho estava ali, enfronhado em seu impecável guarda-pó branco. A brancura da sua camisa ressaltava sobre a cor acobreada da sua pele. Dominava seu hirsuto cabelo preto à força de gomalina. Sempre exibia uma gravata negra com um apertado e pequeno nó.

Através dele eu conheci a grande luta de Salvador Mazza para que no final da década de trinta fosse fundada a Mepra, que teve seu centro de atenção na mesma zona onde as patologias regionais eram concomitantes. Foi assim que ela começou a funcionar na cidade de Jujuy. Quisque não aprovava que houvesse sido deslocada para a Capital Federal, dizia que isso ia significar sua extinção. A Mepra tinha que estar nas zonas chagásicas e naquelas onde outras doenças tropicais se apresentassem, ele martelava insistentemente.

Uma vez me falou do edifício de dois pavimentos com telhas vermelhas, pintado de cinza, onde funcionava a “Missão de Estudos de Patologia Regional Argentina”, “A Patologia”, como a chamava a gente do lugar. Ele me disse que o projeto do doutor Mazza era vincular os médicos do interior desde ali, Jujuy, com as doenças regionais e com as novas técnicas de diagnóstico.

– A Mepra foi o palco de uma importante ação de docência e pesquisa sanitária durante quase vinte anos até que, após a morte impensada do doutor Mazza, foi trasladada aqui, a Buenos Aires – Quisque me disse uma vez.

Em outra ocasião ele refletiu sobre o famoso vagão ferroviário. Contou-me que, a pedido do doutor Salvador Mazza e com suas precisas indicações, um vagão de passageiros havia sido transformado em um laboratório e consultório itinerante. No seu vagão laboratório o doutor Mazza, acompanhado sempre por sua esposa, realizou pesquisas e milhares de pacientes foram atendidos. O vagão, que tinha livre trânsito, visitou os lugares mais afetados pela doença. A

A MEPRA

família Mazza percorreu milhares de quilômetros realizando à população extrações de sangue, cultivos, inoculações, biopsias e estudos serológicos.

Quisque insistia em que nesse momento o vagão laboratório não estava sendo utilizado, e isso era verdade. O carro estava sempre imóvel nos galpões de Boulogne. Acaso esperava que o doutor Mazza ressuscitasse? Eu fui vê-lo com meu pai duas vezes e confirmei que tudo que Quisque me havia contado sobre o laboratório era verdade. Constituía um verdadeiro laboratório móvel, parecia-me uma Mepra adaptada à forma retangular de um vagão. O jumento me contou que, sob insistência do doutor Mazza, uma grande cisterna havia sido colocada no teto para fornecer água nos longos percursos pelas zonas secas e tórridas do nosso país, prestando-se também como isolante térmico natural.

Uma forte infecção que me atacou com muita febre e obrigou o médico a me administrar penicilina ensejou um impactante relato de Quisque. Ele me contou que lá por volta do ano 1942 o doutor Mazza trocou correspondência com Alexander Fleming, o descobridor da penicilina. No ano seguinte, e depois de vários fracassos, a Mepra conseguiu produzir penicilina graças à dita troca de informação. O doutor Mazza enviou provas a diferentes países e se comprovou que a qualidade da penicilina fabricada pela Mepra estava à altura da que era produzida em outras partes do mundo.

– Porém, eles inexplicavelmente não continuaram desenvolvendo esse assunto – disse Quisque. E salientou: – Eu digo inexplicavelmente porque, em decorrência da Segunda Guerra Mundial, a penicilina escasseava no país.

O FALAR DE QUISQUE

A maneira de falar de Quisque produzia-me hilaridade, seu modo pausado e modulado, e como pronunciava as palavras. Ele diferenciava perfeitamente o *elle* do *ye*. Porém, não era isso o que me fazia rir, mas o fato de ele distinguir o *cê* do *esse*. No ensino fundamental, a maneira como as professoras, em especial as das primeiras séries, salientavam em seus ditados a forma de falar do *jujenho* parecia-nos também engraçada. No entanto, depois escutávamos que falavam entre elas como nós fazíamos no bairro.

Um dia, batendo papo com Quisque, eu lhe perguntei sobre sua forma tão particular de falar. Ele me disse que falava como seus pais, originários das serras do Peru. Ali todos falam desse modo. – Como fazem na Castela – me disse. Quanto à pronuncia do *elle* e do *ye*, apontou-me que eu iria perceber que essa era a forma mais corriqueira quando conhecesse um pouco mais o interior do país.

De repente, eu escutei do *jujenho* uma lição sobre a maneira de falar. Aí percebi que o fato de ser portenho não me tornava o centro do mundo. Ele me comentou que havia múltiplas formas de falar. Assinalou-me que todos os rio-platenses como eu aspirávamos os *esses* no final, que não modulávamos bem as palavras e entremesclávamos bordões desnecessários na conversa. Porém, isso sim, ele reconheceu que gostava da espontaneidade do nosso falar portenho.

Depois desse bate-papo, eu compreendi que o *jujenho* era um autodidata. Eu estava diante de um mestre da vida. Quisque sempre andava com vários livros sob o braço e aproveitava qualquer momento de descanso para ler.

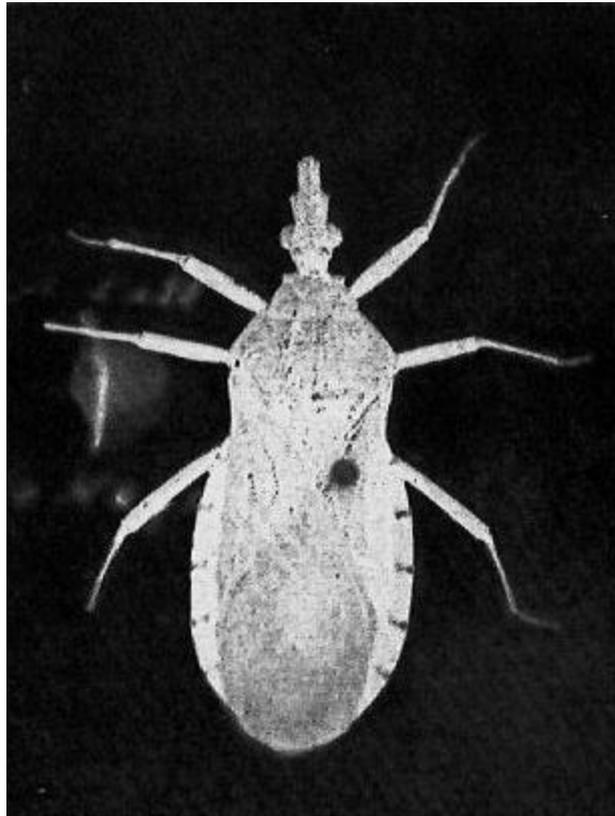
O BICHO-BARBEIRO

Quisque estava passando os barbeiros de um recipiente de cristal grande para outro menor. Logo teria que alimentá-los. Era uma tarde de sábado e, como costumava acontecer nos finais de semana, a Mepra estava sem pessoal. A curiosidade do Lute e a minha não tinham limites e ele, com a paciência dos mestres, contava-nos histórias. Foi precisamente nesse dia que nos relatou como havia sido descoberta a doença produzida pela picada dos barbeiros. Disse que seu descobrimento foi paradoxal. O pesquisador brasileiro Carlos Chagas, ao estudar as dejeções dos “barbeiros” ⁽¹⁾, encontrou um parasita que batizou *Tripanosoma Cruzi* em homenagem a seu mestre, outro ilustre pesquisador dessa nacionalidade, Osvaldo Cruz.

Ele nos deu uma grande lupa para olharmos os barbeiros. Eles estavam como aletargados. Quisque nos disse que a luz é sua inimiga natural, por isso não podem ser vistos à luz do dia. “Vocês têm que se acostumar a diferenciá-los”, disse, e nos levou para a ampla sala onde o Diretor tinha seu escritório. Em duas grandes vitrinas, mais de cem classes de barbeiros se encontravam em exposição. Com o conhecimento próprio de um entomólogo especializado nesses insetos, Quisque foi explicando o impressionante catálogo de exemplares até chegarmos ao que nos interessava: “*chinche gaucha*”, barbeiro preto ou simplesmente barbeiro. Havia dois de pouco menos de três centímetros de comprimento. Um era maior que outro, e Quisque explicou que o menor era o macho. Apontou que devíamos diferenciá-los dos que não são perigosos para o ser humano. Seu sinal é a base das patas de uma cor amarela que sobressai na negridão do corpo, tirante o rebordo das asas que rodeia o abdômen e que mostra manchas transversais claras. “Com esses dois dados vocês podem diferenciar a *Triatoma infestans*”, e com esse termo científico, para nós misterioso e cheio de horror, ele deu por acabada a lição.

Deixamos Quisque continuar com sua rotina e nós fomos brincar com uma bola já gasta demais nos fundos da casa.

(1) Em português no original.



Triatoma Rosenbush . Mazza, 1936
Typus ♂

Fonte: Revista de la Misión de Estudios de Patologías Regionales Argentinas
Año XIX – Número 74 BUENOS AIRES 1946

A FESTA

O Lute veio para a Mepra. Estava enfronhado em seu impecável terno azul. Eu exibia as novas calças compridas de um reluzente terno cinza cruzado de meus recentes quinze anos. Quando chegamos a minha antiga Floresta, entardecia placidamente. Esse dia era domingo e, como todos os domingos, dirigimo-nos para o clube “Flores que surgem”, que ficava muito perto, na Rua Carrasco. Uma das poucas ruas empedradas do bairro.

Nós íamos ver os casais patinarem na pista do clube. Alguns eram profissionais dessa difícil arte de fazer arabescos no ar, balançando-se ao compasso envolvente das valsas vienensas. A música era espalhada por dois potentes alto-falantes, um deles localizado precisamente muito perto do posto de venda de bebidas onde nos sentávamos para tomar uma Laranja Blitz. Por causa do forte volume da música, acabávamos falando aos gritos.

Era muito divertido olhar os patinadores novéis, que tentavam manter o equilíbrio sobre as rodas. Eles faziam cabriolas cômicas e desesperadas antes de caírem, inexoravelmente, espalhados sobre o chão de brilhantes lajotas.

Porém, esse domingo não ia ser mais um domingo. Quando nos dirigíamos para o clube, na Passagem Edmundo de Amicis, um grupo numeroso de pessoas se amontoava em frente à porta da entrada da casa dos vizinhos novos. O Lute me disse que era uma família de italianos que acabava de se mudar para o bairro. Curiosos, o Lute e eu unimo-nos a eles. Ali soubemos que se casava a filha do dono da casa e que os noivos estavam a ponto de chegar.

De repente um impressionante Packard azul apareceu na esquina da Rua Carrasco e voltou decididamente seu nariz para a passagem Edmundo de Amicis, que era de terra. Como o dia anterior havia chovido, a ruazinha estava intransitável para esse tipo de carros baixos. Assim foi que o desapercebido chofer se atolou a uns metros da casa de sua namorada. A ajuda solidária dos vizinhos, que empurraram o luxuoso carro, fez com que o noivo se safasse de sua penosa situação e pudesse chegar finalmente a destino.

O chofer abriu a portinhola traseira e vimos uma preciosa boneca de branco e céu que sorria docemente, enquanto uma senhora atarracada, que havia descido rapidamente do lado do acompanhante do condutor, esvoaçava ao

redor da jovem se esforçando por arrumar os tules superpostos do pomposo vestido. As pessoas reunidas na porta murmuravam e aplaudiam. Algumas velhas choramingavam lembrando suas passadas emoções.

Como se respondessem a uma ordem, os rapazes começaram a cantar insistentemente o clássico “Padrinho careca”. Cumprindo com o tradicional rito, o padrinho tirou do bolso um grande punhado de moedas e as jogou para cima na direção da garotada. E ali começou o descontrole. Não apenas os garotos pelejavam por encontrarem uma, duas ou mais moedas, também os mais velhos as disputavam. O Lute e eu olhávamos com dissimulação se alguma moeda havia caído perto de nós.

Após os noivos entrarem, os convidados que haviam saído a esperá-los ingressaram na casa. A estreiteza da entrada e a grande quantidade de público congregado fizeram com que um pequeno tumulto se originasse, acrescentado pela quantidade de pessoas que queriam ingressar à festa, estivessem convidadas ou não. Será porque estávamos de terno, ou não sei por que outro desígnio, nós fomos impensadamente selecionados para participar da festa de casamento.

No grande pátio toldado e enfeitado com luzes de cores, a mesa estava preparada sobre uma branquíssima toalha bordada. Havia muitas coisas gostosas, com as quais nossas austeras vidas familiares não estavam acostumadas.

Chamava a atenção o fato de a mãe da noiva e outras senhoraças cuidarem de que a “menina” não bebesse nada e comesse muito pouco. Em outro lado do pátio, uns amigos do noivo queriam fazê-lo beber a todo custo, obstinados em contrariar o recato que um senhor idoso – eu imagino que era seu pai – queria impor ao jovem.

O certo é que exatamente à meia-noite e logo de haver cortado o bolo, nós não vimos mais a noiva nem o noivo. Um delicioso cheiro de carne assada vinha do fundo da casa.

O Lute e eu evitávamos nos aproximar do quarto onde os presentes eram expostos, por temor de que alguém nos perguntasse se o nosso – que, como é claro, não entregáramos – podia ser bem apreciado no lugar onde havia sido colocado.

A MEPRA

O tilintar produzido pelo som de uma colher, batida insistentemente contra uma garrafa semi-vazia, fez com que todos deixássemos de tagarelar e fizéssemos silêncio.

O padrinho tomou a palavra e agradeceu aos convidados, tanto do noivo quanto da noiva. Em especial – disse – ele queria agradecer aos familiares de Petrini, que estavam desfrutando da festa. Por sinal – acrescentou – ele tinha para eles uns presentes do amigo Petrini, quem os havia enviado especialmente da Itália.

O silêncio foi ainda mais absoluto. O Lute e eu observamos que um grupo de assistentes, não mais de cinco pessoas, confirmava seu parentesco com Petrini e se reunia ao redor do padrinho que havia dito tão laudatórias palavras. Rapidamente e sem pensarmos, nós unimo-nos a eles.

Nesse momento foi quando o padrinho, trocando subitamente seu rosto amável por um vermelho colérico, mostrou-nos a porta da rua e disse aos gritos:

– Então vocês são parentes de Petrini mesmo! Saibam que não existe nenhum Petrini! Vocês deveriam sentir vergonha por se ter metido em uma festa de pessoas honradas! Vocês teriam que ser presos por metidos!

Sáímos todos em tropel e aos empurrões. Eu, ferido em meu amor próprio, empreendi meu regresso penoso à Mepra.

A GUAGUA

O Lute chegou, como todos os sábados, por volta das duas horas da tarde e fomos visitar o juenho ao laboratório. Nesse dia Quisque tinha que alimentar novamente outros barbeiros. Dessa vez ia ser mais perigoso, porque os barbeiros limpos seriam alimentados com sangue presumivelmente infestado para fazer um xenodiagnóstico, ou seja, uma análise para determinar se uma pessoa vinda do interior tinha *tripanossoma cruzi*.

Quisque havia estaqueado a aterrada cobaia de barriga para cima. Manobrava com destreza. Transvasava os barbeiros de um recipiente de vidro maior para outro de menor tamanho com a parte superior aberta. Tomava-os delicadamente com uma pinça muito longa e os colocava no novo habitat, ajudando-se às vezes com as mãos. O Lute e eu olhávamos com admiração a familiaridade e a delicadeza com que os manipulava. Nós sabíamos, por seus contos, que os barbeiros eram muito perigosos quando estavam infestados. Embora esses ainda não estivessem, possivelmente o estariam depois. Perguntamos-lhe se nunca havia tido medo deles.

Ainda que concentrado em seu trabalho, ele ficou surpreendido pela pergunta. Seus pequenos olhos pretos e rasgados umedeceram-se, talvez por algumas lágrimas contidas. Ele disse:

– Um dia como hoje, há exatamente quatro anos, falecia a guagua ⁽¹⁾.

Ficamos em silêncio. Ele continuou a colocar o tule branco na parte superior do bocal. Segurou-o com um elástico e voltou a fitar-nos. Seus olhos tornaram-se tristes. Virou o bocal sobre a barriga tosada da cobaia para os triatomíneos se alimentarem.

Contou os barbeiros e anotou cuidadosamente a quantidade em uma caderneta. A cobaia possivelmente estava infestada com *tripanossoma cruzi*, o que fazia com que os barbeiros, após se alimentarem, se transformassem em vetores da doença. Por isso o juenho extremava seu cuidado. Depois deixou a vítima e seus algozes na penumbra. Saímos para o pátio e acotovelamo-nos na balaustrada que dava para o jardim. A leve brisa de setembro balançava tenuemente os galos, cobrindo de sangue em seus extremos a indiferente estrela federal.

Quisque entrecerrou seus olhos e dirigiu uma mirada perdida para o Norte. Então disse calmamente:

– Era uma noite cálida. Eu sabia que íamos ser visitados pelos barbeiros que moravam no teto, eles faziam isso invariavelmente todas as noites. Confirmei que o mosquiteiro que cobria o berço da guagua estivesse bem amarrado. Que não ficasse nenhum interstício por onde os barbeiros pudessem passar. Eu sabia da sua astúcia. Após ficarmos, minha mulher e eu, placidamente dormidos, comecei a escutar entre sonhos as batidas secas que produziam esses insetos quando se deixavam cair do teto. Especialmente o tamborilar que produziam ao baterem na parte média da mesa. Acordei entre sonhos. Achei tudo em ordem e voltei a ficar dormido.

Quisque continuou:

– Eu tive então um tremendo pesadelo. Inexplicavelmente, a guagua enfiava o braçinho por baixo do mosquiteiro. Um barbeiro entrava por aí e arrastava desajeitadamente seu corpo achatado até chegar ao rosto da minha criancinha. De repente, ameaçador, empertigava sua cabeça. Do bico tirava longos estiletes que se cravavam na bochecha da guagua. As extremidades amarelas reluziam em seu lúgubre corpo pardo. Não sei quanto tempo ele esteve chupando o sangue da guagua. Eu sabia que era um sonho e o tempo ali não existe. Porém, o bicho enchia-se mais e mais. No final, ele parecia uma uva vermelha, estava quase redondo e não podia se movimentar. Depois ele sumiu. Enquanto o sonho também se apagava, a guagua esfregava sua mãozinha sobre a picada. Quando eu acordei, ao amanhecer, a criancinha e minha mulher dormiam placidamente. Tudo foi apenas um mau sonho, pensei. Levei os animais para o monte em procura de melhores pastagens. Não demoraria mais de uma semana.

Nós escutávamos o jujenho sem dizer uma palavra.

– Na semana seguinte, quando voltei, a guagua tinha a pálpebra inchada. O olho estava fechado, já não podia abri-lo. Disseram-nos que fossemos para a Patologia, que ali atendia um tal de doutor Mazza. Isso ficava em Jujuy, onde funcionava a Missão de Estudos. Depois de três dias de viagem chegamos à Mepra, onde conheci o doutor Salvador Mazza e sua mulher, a senhora Clorinda Razzori. Nesse momento eu soube da grandeza de um sábio, da sua dedicação, sua abnegação. E comprovei sua dor ao ver que não podia fazer

nada pela guagua. Todos começaram imediatamente a lutar contra a doença da minha pequena filha. O doutor nos explicou que, nos bebês, a picada dos barbeiros infestados podia ser mortal.

Em um dia como hoje, há exatamente quatro anos, o doutor Mazza me trouxe minha criancinha nos braços e me disse: “Senhor Quisque, infelizmente nós não pudemos fazer nada por sua filha. Perdoe-nos.” Afogados pela dor feita pranto, minha esposa e eu voltamos para o rancho. Minha coitada mulher não se sobrepôs e morreu aos poucos meses. Eu, após meditar muito, consegui encontrar sentido à vida fazendo isto que estou fazendo hoje, contribuir com meu grão de areia na luta contra essa terrível doença dos pobres. Assim comecei a trabalhar do último degrau nesta Missão de Estudos.

O Lute e eu ficamos em silêncio. Então o jujenho disse:

– Os barbeiros já devem estar pletóricos. Vou liberar a coitada cobaia, se é que não morreu do susto.

E acrescentou reflexivamente:

– Afinal de contas todos, sem exceção, fazemos parte da Mãe Terra. Por isso lhe devemos respeito.

(1) Na região dos Andes centrais e setentrionais, criança recém-nascida ou de poucos meses.
(N. da T.)

O DESAPARECIMENTO DOS BARBEIROS

O bicho-barbeiro é um inseto hematófago. Para mantê-lo em cativeiro, é preciso alimentá-lo de tempo a tempo. Quisque era o encarregado da operação. Ele pegava uma cobaia, tosquiava seu ventre, colocava-a em uma bandeja e atava suas quatro patas para que ficassem imóveis. Depois colocava os barbeiros em um pequeno recipiente de vidro e cobria com uma gaze a parte aberta. Contava os insetos religiosamente. Virava o recipiente e o firmava com a parte da gaze em contato com o corpo da cobaia. Por último, deixava-os na penumbra para os percevejos se alimentarem placidamente.

Em um dia que ele estava colocando os tubos de ensaio na autoclave para esterilizá-los, a tarefa foi realizada por outra auxiliar, a senhorita Cora. Não sei se foi por um descuido dela, o certo é que quando Quisque voltou para contar os barbeiros faltavam exatamente cinco. Criou-se uma grande confusão.

Em primeiro lugar, comprovou-se que os barbeiros perdidos não pertenciam ao lote dos infetados pelo tripanossomo. Isso não queria dizer que não houvesse perigo, porque eles podiam picar uma das cobaias infetadas e se transformariam então em vetores da doença. O juvenho tinha experiência no tema. Grande conhecedor dos hábitos desse inseto, ele conjecturou quase com exatidão que os fugitivos estariam escondidos no barraco que resguardava as cobaias da chuva. Isso era um pequeno recinto de uns dez metros quadrados. A primeira medida a ser tomada foi tirar do lugar todos os animais infetados e levá-los para um quarto quase hermético habilitado especialmente nessa ocasião. As luzes permaneceram acesas durante a noite para os barbeiros não se moverem do lugar. Aliás, eles ficariam quietos porque estavam fartos depois de se alimentarem.

Em pleno dia, o teto foi desarmado com muito cuidado e os cinco desertores foram encontrados encolhidos no recanto mais escuro. Quisque tivera razão mais uma vez. Tudo fora apenas um grande susto.

¿COMO LUTAR CONTRA A DOENÇA?

Em um sábado, o Lute perguntou a Quisque o que se podia fazer para erradicar o flagelo da doença. Quisque ficou pensando. Fixou seu olhar no norte, sem ver, como fazia habitualmente quando refletia. Parecia seguir sua própria bússola.

– Vejam, nós estamos em 1951 – disse. – Já no ano de 1938, no Congresso Nacional de Medicina realizado na cidade de Córdoba, o doutor Mazza propôs as medidas de profilaxia que deveriam ser adotadas para a prevenção da doença.

– Quais são elas? – perguntou o Lute.

– Elas são apenas quatro e fáceis de compreender. Contudo, parece que é difícil levá-las à prática. O que acontece é que a doença de Chagas não é considerada em sua dramática dimensão social, e isso porque afeta pessoas pobres em uma região do mundo marginalizada. Não atrai laboratórios nem lideranças políticas. Parece que o problema não interessa a ninguém. Passaram-se alguns anos desde a morte do doutor Mazza e já ninguém lembra sua grande obra.

– Mas quais são as medidas de prevenção? – reiterou levemente o Lute.

– Mazza não se cansava de repetir que eram quatro. A primeira é erradicar o rancho e criar modelos de moradias higiênicas adaptadas ao uso, clima e particularidades de cada região e cada comunidade. A segunda é pôr em marcha um programa de educação sanitária por todos os meios. A terceira, impedir que o barbeiro faça ninho nas casas e destruí-lo em todos seus períodos de crescimento com inseticidas específicos. Por último, encaminhar as mesmas medidas de prevenção contra os hospedeiros de barbeiros em volta da moradia humana.

Por fim, Quisque nos disse:

– Passaram-se mais de dez anos desde aquelas declarações, mas é por demais dizer que tudo continua como antes. Talvez pior. Agora estamos assistindo a uma grande migração de província para província e dos países vizinhos. A doença avança cada vez mais nas zonas críticas. E aqui temos a Mepra confortavelmente instalada no bairro de Flores da portenha cidade de Buenos Aires.

A POLÍTICA

O governo do General Juan Domingo Perón contava com o apoio de pessoas que o seguiam com muita esperança. Porém, sua particular maneira hegemônica de fazer política gerou ressentimento em outros. Eu podia perceber isso nas conversas com meus companheiros do Colégio Justo José de Urquiza, na sua maioria bastante críticos do peronismo. Aliás, evitava-se falar do governo em público. Quem era um crítico acérrimo era Quisque.

Na Mepra trabalhava a senhorita Peralta, uma apaixonada peronista que morava na Casa da Empregada. Ela não admitia que o jujenho, pertencente à etnia aimará, não seguisse Perón. Ainda mais, ela dizia-lhe que não entendia como ele, um “cabeçinha preta” ⁽¹⁾, não era peronista.

Quisque dizia à senhorita Peralta que trazer a Mepra para a Capital Federal havia significado a ruína da instituição. E que isso era responsabilidade do governo nacional. Ele frisava que era penoso que a Missão, que havia ganhado tanto prestígio em Jujuy, estivesse se burocratizando na Capital Federal. Que aqui, em Buenos Aires, a Mepra não era muito útil para as coitadas pessoas que padeciam a doença.

Em suas discussões com a senhorita Peralta, Quisque tentava não perder seu aprumo natural, mesmo que estivesse nervoso. Lembro que ele disse em um desses debates:

– Acho que se o doutor Mazza vivesse, teria sido crítico desse governo. Ele dizia abertamente o que pensava e já antes tinha se enfrentado a muitos pesos-pesados da política. Não comungava com a alcovitagem. Ele não aceitava a falta de excelência e opunha-se a tudo que significasse um retrocesso na luta contra a doença. Agora, senhorita Peralta, embora você não o reconheça, nós estamos recuando na Mepra.

O assunto adquiriu traços de certo dramatismo quando, no ano de 1952, faleceu a senhora Maria Eva Duarte de Perón. Muito pesarosa, a senhorita Peralta veio para a Mepra com um ostentoso laçarote preto. Todo o pessoal trouxe, em sinal de luto, braçadeiras ou gravatas pretas. Quisque foi o único que deliberadamente não aderiu ao luto, apesar de levá-lo sempre pela morte de sua filha.

A MEPRA

Conforme o que eu escutava lá, todos estavam preocupados com sua conduta tão abertamente crítica ao governo. No entanto, todos concordavam em que Quisque era, além de muito boa pessoa, muito eficiente nas tarefas que realizava na instituição.

Eu, de minha parte, levei ao colégio uma gravata preta sobrevivente do luto pela morte de meu avô. No Colégio Justo José de Urquiza, onde a grande maioria dos meus companheiros eram muito críticos, o único da minha classe que não levou gravata preta foi aquele que até então nunca havia falado mal do governo. Seu gesto único de valor mereceu o respeito silencioso de todos.

(1) “*Cabecita negra*” é uma expressão coloquial depreciativa usada na Argentina para se referir a pessoas de cabelo escuro e pele acobreada, em geral pertencentes à classe trabalhadora. (N. da T.)

O “CHARRO” MORENO

Fazia vários anos que o Lute e eu íamos religiosamente ao estádio do Ferrocarril Oeste. Corria o ano de 1953. Perto do meio-dia, dirigimo-nos para o estádio, como todos os domingos. No caminho somou-se Quisque, que havíamos convidado formalmente. Sentávamo-nos em um lugar estratégico da arquibancada, a escassos metros da galera desordeira que lotava a parte central.

Nós costumávamos assistir a parte da terceira divisão, toda a reserva e a primeira. Passávamos várias horas sentados na tábua, quase sempre sofrendo porque a equipe da camiseta verde tinha o reiterado costume de perder.

Naquele dia José Manuel Moreno, o famoso “Charro” da “máquina” do River, com seus cabelos colados com gomalina e sua clássica bandana, jogava na reserva. Como eu o via bastante lento, perguntei ao Lute:

– Será que ele esteve no cabaré até tarde à noite?

– Olha que ele se treina dançando até tarde. Você vai ver que faz uma jogada mestra e nos enche de alegria – acrescentou.

Mas a verdade é que a alegria não chegava e a equipe da reserva estava perdendo por goleada. A galera, que não sabe nada de glórias passadas e que vive apenas o sucesso do presente, começou a insultar a equipe. E pegaram como alvo a bandana do Charro.

Quando ele esteve perto de nós para bater um escanteio, alguém da galera gritou-lhe zombeteiramente: “Moreno bicha”. Esse era um dos piores insultos, mesmo que de brincadeira, porque punha em dúvida a hombridade. Apesar da distância que me separava do Charro, eu consegui ver que ele dizia algo para o grupo donde havia saído o insulto.

O jogo acabou e esquecemos o incidente. Afinal de contas, esse era mais um jogo da reserva. O prato forte era a Primeira. O começo da competência nessa divisão era esperado com cânticos e um agitar de bandeiras.

Foi nesse instante quando apareceu o “Charro” Moreno, caminhando vagorosamente pelo corredor da arquibancada. Dirigiu-se ao lugar donde havia saído o insulto minutos antes. Vestido impecavelmente e penteado rigorosamente com gomalina, ele mostrava seu rosto pleno mal deturpado por

um nariz achatado e torto, lembrança da sua passagem fugaz pelo boxe amador.

Imponente, ele se parou empertigado em frente à torcida, que fez um silêncio sepulcral ao vê-lo. E foi então quando seu José Manuel Moreno, o famoso “Charro”, convidou um a um a descer. A brigar como homens.

– Vamos ver quem é mais macho! – dizia insistentemente.

Ninguém da galera movimentou-se. O Lute e eu, que conhecíamos todos seus integrantes porque os víamos aos domingos, olhávamos seus rostos desconcertados. Ninguém se movia, ninguém dizia nada, pois haviam perdido a impunidade que a massa e o anonimato lhes davam. É claro que ninguém desceu.

Ao vermos a sua atitude viril, nós – e todos os que presenciavam a cena – começamos a aplaudir e a viver repetidamente o ídolo: “Moreno! Moreno! Moreno!”. Apesar de entender muito pouco sobre futebol, Quisque era o mais entusiasta. Logo se somaram os quatro cantos do estádio. Lavada sua honra, seu José Manuel Moreno retirou-se ovacionado.

Quisque estava emocionado. Alçando sua voz por cima da gritaria, ele disse-nos:

– Esse homem lembrou-me o doutor Mazza, salvando a distância. Perante uma ofensa como a sofrida injustamente pelo senhor Moreno, ele teria reagido da mesma maneira.

A DESENHISTA

Quisque falou-me sobre a importância que o doutor Salvador Mazza dava às cores. Ainda mais, ele disse que o doutor havia pedido ao grande artista mendocino de origem catalana, Fidel Roig Matóns, que pintasse os rostos e outras partes do corpo dos pacientes afetados por tripanossomíase. O doutor Mazza queria as cores exatas e por isso o pedido ao eminente pintor. Ele dizia que não estava satisfeito com as cores das fotografias Kodak e Agfa. Que eram exageradas e podiam induzir os profissionais a diagnósticos errados.

– O grau de excelência que perseguia o doutor Mazza via-se até nos menores detalhes, nada devia ser deixado ao acaso – apontou Quisque com visível admiração.

Um dia, ao passar pela porta do laboratório onde estavam os microscópios, eu encontrei uma belíssima mulher sentada ante o mais moderno deles. Perguntei a Quisque quem era ela, e ele me respondeu que era a desenhista que trasladava com exatidão micrométrica tudo que via no microscópio e, fundamentalmente, as cores. Ele quis me apresentar a ela. Quando a conheci, juvenil, loura, de olhos azuis, eu não pude deixar de admirá-la. Ela pediu-me desculpas porque estava um pouco cegada pela luz do microscópio. E então começamos uma amizade. Ela começou a vir aos sábados para acabar seu trabalho porque a revista tinha de sair logo.

Ela me disse que era holandesa. Que seus pais moravam em Delft, a cidade das porcelanas de tonalidade azul. Cada vez que a escutava, eu sentia que me apaixonava mais e mais por ela.

Um dia ela estava observando um preparado pelo microscópio e me convidou a olhar. Eu tentei fazê-lo mais não via nada. Ela me indicou que ajustasse a lente. Como eu não podia, disse-me:

– Eu vou olhar com o olho esquerdo para conferir se você agora pode ver.

Nós ficamos roçando nossas bochechas. Eu não via tripanossomo nenhum, mas sentia o calor da bochecha da holandesa. Ela já estava terminando seu trabalho na revista e eu não tinha coragem para dizer-lhe o que sentia por ela. Em um sábado ela disse-me que voltava para seu país. Despediu-me com um beijo, meu primeiro beijo. Minha irrefreável imaginação continuou com os caprichosos traços do amor que foi sem haver sido.

SABER PERDER

Aconteceu em um dos primeiros dias de janeiro de '55. O calor do meio-dia em Buenos Aires era insuportável. Eu decidi caminhar pela rua Granaderos em direção à Avenida Rivadavia, que estava a poucos quarteirões da Mepra. As folhas dos frondosos plátanos filtravam os raios do sol abrasador. De passagem visitaria o Lute, que com certeza estaria em seu posto de guarda-cancela da Ferrovia. Ele havia arranjado o trabalho não fazia muito tempo.

Ali estava ele. Cumprimentamo-nos e lhe perguntei como andavam suas práticas de boxe. Disse-me que estava treinando com consciência. Eu observei sua cara, o nariz que começava a ser moldado pelo boxe, sem dúvida sua paixão. Sentamo-nos dentro de uma pequena casinha de madeira e ele ofereceu-me uns chimarrões. Quando estava me servindo o segundo, o estridente som da campainha anunciou a proximidade de um trem. O Lute saiu da casinha, apanhou da janelinha a bandeira verde e imediatamente agitou-a de lado a lado para assinalar a passagem livre, enquanto que com a mão direita baixava a barreira, encurtando com grandes braçadas a cadeia que a segurava no extremo mais alto.

A manobra foi tão rápida que o Lute quase bate no policial que cruzava a passagem de nível às pressas. Eles começaram a discutir, cada vez mais calorosamente. Eu estava sentado em um recanto da casinha. A chaleira, colocada sobre o pequeno braseiro, deixava escapar a cada tanto metálicos bocejos de vapor.

De repente, o policial insultou a mãe do Lute. Esse insulto não podia ficar impune. O Lute respondeu-lhe que qualquer um se fazia de macho com uma arma no cinto. Tudo aconteceu de chofre. Rapidamente o policial deixou a arma regulamentar no chão, desabotoou-se o paletó e se pôs em guarda para começar a briga.

O policial era maciço. Seus braços pareciam dois bujões. Pensei que se uma mão saísse dali, o Lute era homem fora de combate. Porém, ele já sabia bastante da arte do boxe. Com seu longo braço esquerdo estendido, mantinha o policial à distância, girava em volta dele constantemente e dava pequenas batidas no seu rosto, como se o afagasse. Isso enraivecia mais o policial e fazia com que errasse tremendos golpes que ficavam flutuando no ar.

A MEPRA

De repente, o policial alçou a cabeça para respirar fundo, e isso foi sua perdição. Era algo que o Lute estava esperando pacientemente. Do braço acaçapado do meu amigo saiu, como uma flecha, um decidido golpe de direita para o queixo. Mesmo sem ser muito forte, a batida foi precisa e certa. O policial caiu estrondosamente, espalhando-se entre a vala e as vias do trem.

Eu saí rapidamente da casinha e ajudei o Lute a levantá-lo. Ele aceitou as mãos tendidas que lhe oferecíamos. Sacudiu a calça e o paletó, que abotoou, e ajustou o cinturão com a cartucheira que continha a arma regulamentar.

Nesse momento, o tilintar da tampa metálica da chaleira quebrou o pesado silêncio anunciando que ia soltar logo outro bocejo de vapor.

O policial olhou o Lute e lhe disse:

– Eu tomaria um chimarrão.

Ele pegou a cuia entre suas mãos e bebeu lenta e silenciosamente. Depois acrescentou:

– Eu vou embora, já é muito tarde. – E falou de passagem – Antes de eu esquecer. Quando você baixar a barreira outra vez, preste mais atenção. Pode machucar alguém.

Depois se afastou como se nada tivesse acontecido.

O BOMBARDEIO DE 1955

Embora ninguém se animasse a falar em voz alta e dizer o que pensava, pressentia-se que alguma coisa ia acontecer no país. Em um dia de junho de 1955, os aviões da Marinha voaram muito baixo por Flores. Todos pensamos que haveria um desfile. Mas não, ouvimos tremendas bombas. Do terraço da Mepra podíamos ver os aviões que davam a volta, como se fossem brinquedos, pelo que devia ser a Plaza de Mayo. Ligamos o rádio e escutamos a voz do secretário geral da CGT, máximo referente do sindicalismo oficial, que convidava os trabalhadores a irem para a Plaza de Mayo em defesa do líder.

Pouco depois, vimos Sixto González chegar visivelmente assustado. Sixto, um correntino de Paso de los Libres que atuava como ajudante de limpeza e era o encarregado de alimentar os animais do laboratório, contou-nos que, quando vinha para a Mepra, subiram-no a um caminhão que ia para a Plaza de Mayo defender Perón. Disse que havia sentido um medo atroz ao ouvir cada vez mais próximo o retumbar das metralhadoras e das bombas. Havia aproveitado um engarrafamento do trânsito para fugir do caminhão. Sua voz ainda tremia.

Após o bombardeio, a Mepra transformou-se em um ferredouro político, assim como o país todo. E o peronismo caiu em setembro de 1955. A pomposamente chamada de “Revolução Libertadora” foi a triunfadora. O juvenho estava esperançado.

– Essas pessoas vão priorizar a ciência, a saúde, a excelência científica, sem distinção de credos políticos – dizia-nos.

Eu, mesmo que jovem, era cético. Dois anos depois chegou a ordem de deixar o casarão e levar tudo que ali havia a dois quartos da Faculdade de Medicina da Cidade de Buenos Aires.

Eu tinha me mudado da Mepra uns anos antes. Encontrei-me com Quisque e me comentou que voltaria a sua província. Após aquele erro que havia cometido ao vir para Buenos Aires, ele considerava que seu lugar era seu Jujuy natal.

VALTUILLE DE ABAJO

Eu guardo na minha memória aquele dia no bairro de Floresta, quando meu tio Daniel e minha avó estiveram prestes a embarcar com destino à Espanha. Porém, o fato de ter a nacionalidade espanhola e a possibilidade de ser convocado ao serviço militar obrigatório – dizia-se que na África e por três anos – fizeram com que meu tio renunciasse à viagem com muita pena.

Eu ainda lembro que haviam obtido um empréstimo muito importante para pagar as passagens de navio. Antes de devolver o dinheiro e em uma de suas engraçadas extravagâncias, meu tio estendeu todas as notas enfileiradas no pátio da nossa casa de Floresta. Eu nunca na minha vida havia visto tantas notas juntas!

Muitos anos haviam se passado. Agora nós chegávamos, procedentes de Buenos Aires, à Espanha, o lugar onde meu tio havia nascido. Dali havia partido com apenas dois anos de idade.

De Madrid partimos diretamente para a cidade de Villafranca del Bierzo, localizada no noroeste da Espanha, muito perto da Galiza. E a percorremos. E todos os relatos que minha avó havia tecido sobre ela encheram-se de odores e cores. Eu recriava sua voz cheia de palavras galegas, que sabiam a morrinhas. Embora ela repetisse que era da província de Leão, orgulhava-se de seu falar quase galego.

Na cidade de Villafranca del Bierzo, seus contos tornaram-se realidade. A beleza da Calle del Agua, a Iglesia de San Francisco e a Iglesia de Santiago, com sua majestosa Puerta del Perdón, desfilaram ante mim sob a guia de seus relatos. Ali me reiteraram o que ela me havia contado: que nesse lugar os peregrinos que não podiam continuar o caminho para Compostela ganhavam o jubileu.

Depois de percorrermos a cidade, dirigimo-nos ao destino principal da viagem. A vila onde havia morado minha avó e onde havia nascido meu tio Daniel: Valtuille de Abajo.

Nós desfrutamos da paisagem, rodeada por infindáveis vinhas que se perdiam nas encostas das montanhas planas. As videiras próximas suportavam, exauridas, os pesados cachos de uvas pretas e brilhantes.

Sabíamos que os vinhos dali eram famosos. E nessa ocasião, uma alegria muito especial reinava em toda a comarca: esperava-se uma das melhores vindimas de todos os tempos.

Eu estava olhando nossa vila ancestral, com suas quarenta casas de pedra que se erguiam orgulhosas, quando inesperadamente meu tio Daniel ordenou ao motorista que parasse. Desceu e se dirigiu, muito decidido, em direção a uma carreta puxada por dois bois que vinha pelo caminho, transbordante de cachos amontoados caprichosamente. Com ar desafiador, meu tio deteve-se diante dela. Eu pensei que ele havia enlouquecido, que o sol de Bierzo havia alterado sua mioleira.

Temeroso e preocupado, eu observei o homem fazer denodados esforços por frear a pesada carroça, que por fim se deteve apenas a um passo do lugar onde estava meu tio.

Nesse instante, eu consegui ver um homem de rosto moreno, com mãos curtidas por muitos sóis, que se dirigia a repreender quem estava impedindo o passo.

Antes de ele dizer uma palavra, meu tio Daniel adiantou-se e perguntou:

– O senhor é seu Jovito, né?

– Pois sim, homem, esse sou eu – respondeu – Mas o senhor não tem direito de impedir o passo da minha carreta! Já é muito difícil controlar essas bestas!

Então meu tio disse com um brilho úmido nos olhos:

– Que venha um abraço, tio, eu sou Daniel, o filho da sua irmã Teresa!

Então meu tio fundiu-se com seu tio em um longo e silencioso abraço. Nós estivemos durante cinco dias na casa dos nossos maiores. Eles a abriram para nós e foi como estarmos na nossa própria moradia. Aqueles foram dias de empanadas de coelho, de borrachas e de vinho, dias de alegria. Dias nos quais a gente também dançou a jota, como tantas vezes havíamos feito na casa da minha avó.

Quando voltamos para Buenos Aires, perguntei a meu tio como havia reconhecido seu Jovito se nunca o havia visto em sua vida, sequer em fotos.

E ele me disse:

– Sobrinho, como você não percebeu? Ele tem o mesmo rosto da avó.

Eu imaginei o quanto Quisque e o Lute iam rir quando lhes contasse minha tonta pergunta e a resposta de meu tio Daniel.

CARAVELLE

Eu havia aprovado a última matéria. Por fim cumpria meu sonho: formava-me como advogado. Os companheiros rodearam-me para me cumprimentar. A chegada de um Caravelle ao aeroporto vizinho parecia se somar estrondosamente à celebração.

De repente eu descobri, um pouco oculta entre os colegas, minha antiga professora de literatura, que soubera de minha formatura. Ela mantinha essa mesma prestância pela qual eu me havia apaixonado. Doidamente apaixonado por aquela mulher que tinha diante de mim.

Ao vê-la, as lembranças voltaram impetuosamente. Eu havia amado essa mulher entranhavelmente. Em nossas longas conversas na sala de professores do Colégio Nacional Urquiza, falávamos sobre Erich Fromm e *O medo à liberdade*, sobre Lanza del Vasto e *Judas*, sobre Herman Hesse e *Demian*, sobre Mahatma Gandhi e sua autobiografia. E sempre sobre a existência e seu verdadeiro sentido.

Eu pressentia que esse profundo sentimento de amor era compartilhado por ela. Lembro quando resolvi, quase no final do ano, confessar-lhe que a amava. Falar com ela não como aluno, mas como homem. Essa vez ia afrontar meu sentimento e brigar por ele, não queria que me acontecesse o mesmo que com a desenhista. Eu lutaria, essa havia sido minha decisão. Ao terminar o dia de aula, fui a seu encontro com uma rosa e um bilhete. Já não havia ninguém na sala de professores. Encontrei-a concentrada em seus livros. Eu tomei coragem e lhe falei sobre meu sentimento por ela, disse que meu amor era puro, que me esperasse. À medida que eu falava, suas bochechas enrubesciam. Depois houve um silêncio absoluto. Lembro que ela me disse, com tom vacilante, que meus sentimentos eram belos, mas que a desculpasse. Falou-me que talvez eu confundisse estar apaixonado com o amor, e acrescentou que ela amava outro homem, que logo ia casar com ele. Retirei-me quase sem cumprimentá-la. Quando cheguei à Mepra passei perto de Quisque como uma exalação. Ele pressentiu o que acontecia e se fez de distraído, sem dúvidas, para eu não ter que dar uma penosa explicação. Esse foi um dos dias mais tristes da minha vida.

A MEPRA

Voltei à realidade e fui me aproximando dela. Perguntei-lhe se lembrava aquele estudante que cursava literatura no último ano do Colégio Secundário Justo José de Urquiza. Para minha surpresa, ela repetiu meu nome completo. Então me animei e lhe perguntei se lembrava aquele dia em que eu lhe levava uma rosa branca e um poema de amor. Ela voltou a enrubescer como aquela tarde. Fitou-me nos olhos e me disse que, passados os anos, tinha que me confessar que ela também havia compartilhado esse sentimento.

Eu perguntei-lhe por que me havia mentido dizendo que queria outro homem. Ela respondeu que havia considerado que isso era o melhor para mim.

Abriu sua bolsa e desenrolou aquele bilhete amarelo por causa do tempo.

– Eu o levo sempre comigo.

Começou a lê-lo. Ambos, ao unísono, acabamos recitando:

Rosa branca
Terna, bela e indecisa.
Por favor, espere-me ...
Pinte-se de vermelho
E dê briga

Despedimo-nos pressentindo que não voltaríamos a nos ver. Ambos sabíamos que os relógios nunca voltam ao tempo já calcado. A decolagem de um estrondoso Caravelle no aeroporto vizinho somou-se ao adeus.

O Lute e Quisque esperavam-me a prudente distância. Queriam me cumprimentar por meu recente título de advogado.

EPÍLOGO

Eu havia levado o Lute para o Hospital de Clínicas. Ele tinha o nariz totalmente destroçado. Prometeu-me de novo que ia deixar o esporte. Eu lhe respondi que, primeiro, eu não acreditava que isso fosse um esporte, e segundo, que se ele não deixava o boxe, o boxe ia acabar com ele.

Quando saíamos, surpreendeu-nos ver a senhorita Peralta e Quisque caminhando de braços dados. Quando cumprimentamos a senhorita Peralta, ela nos corrigiu com um sorriso:

– Senhora de Quisque – disse-nos. – Nós casamos há um ano. Moramos em Jujuy e estamos aqui de férias. E cumprimentem o doutor Quisque, ele se formou como médico.

Ali estava a senhorita Peralta, agora senhora, radiante e juvenil. A seu lado, o novel doutor Quisque. Seu mesmo rosto achinesado e acobreado. Sua mesma maneira modulada de falar. Ele disse-nos a respeito das discussões anteriores sobre política:

– Ambos percebemos que o governo anterior não era tão bom nem tão mau, e que o novo também não é tão bom nem tão mau. Vencemos a intolerância e compreendemos que nos queríamos. Então nos casamos e estamos vivendo na cidade de Jujuy.

Perguntei a Quisque si tinha alguma notícia da sorte da Mepra.

– Parece mentira, estamos no final da década de cinquenta. A Missão de Estudos de Patologias Regionais Argentinas foi fundada pelo doutor Salvador Mazza há mais de trinta anos, e não apenas não houve avanços na luta contra a doença de Chagas, mas acho que estamos recuando – afirmou Quisque. – É como se a morte impensada do doutor Mazza no ano 1946 em Monterrey tivesse determinado a decadência da Missão de Estudos.

– Não sei se você soube que o Reitorado da Universidade de Buenos Aires resolveu o fechamento definitivo da Mepra porque não encontrava motivos para que continuasse funcionando – comentei a Quisque.

– Eu já conhecia a triste notícia – disse – Há que se perguntar quem é o verdadeiro responsável por seu fechamento. Há que se perguntar o que aconteceu com o trem laboratório que tu conhecestes e que levou o doutor Mazza e sua mulher Clorinda Razzori a percorrer milhares de quilômetros nas

zonas mais críticas da doença. Finalmente, há que se perguntar por que deslocaram a Mepra para Buenos Aires, longe das zonas onde ela era mais necessária.

Por último, Quisque acrescentou:

– Eu me deparei num fim de semana com o último diretor da Mepra na escadaria da Faculdade de Medicina. Ele ia alimentar os animais do laboratório. Comentou para mim que se ele não os alimentava, os bichinhos morriam de fome. Vocês podem imaginar a tristeza que isso me provocou.

Antes de nos despedirmos, Quisque disse:

– Mas não devemos perder a esperança. Eu sei que há pessoas que estão lutando contra a doença de Chagas, que estão fazendo o possível e também o impossível. O inimigo é poderoso e se assanha contra os que estão em condições paupérrimas. E acrescento uma última reflexão – disse-nos – A década de sessenta está começando. E eu acho que todos deveríamos nos unir para promover a luta contra esta endemia e outras que assolam nossa pátria, livres de bandeiras políticas, para delinear uma política sanitária nacional de prevenção e cuidado de todos.

O Lute e eu vimos o casal se afastar de braços dados enquanto lembrávamos suas antigas brigas.

– O que pode o amor... – eu disse para o Lute.

– Eu diria o que pode a tolerância, que não é outra coisa que o sadio exercício de se respeitar um ao outro – respondeu o Lute.

INDICE

PRÓLOGO	3
A MUDANÇA	5
SESTA DE VERÃO	8
O JUJENHO	11
O FALAR DE QUISQUE	13
O BICHO-BARBEIRO	14
A FESTA	16
A GUAGUA	19
O DESAPARECIMENTO DOS BARBEIROS	22
¿COMO LUTAR CONTRA A DOENÇA?	23
A POLÍTICA	24
O “CHARRO” MORENO	26
A DESENHISTA	28
SABER PERDER	29
O BOMBARDEIO DE 1955	31
VALTUILLE DE ABAJO	32
CARAVELLE	34
EPÍLOGO	36



Lino Roberto Morales nasceu na Cidade de Buenos Aires em 2 de agosto de 1936. Publicou *La Mepra* (editorial Dunken, 2006), *El señor Alejandro* (editorial Dunken, 2008) e *Caleidoscópico* (editorial Dunken, 2009). Seu conto *Bahia de Samborombón* (Ediciones de las Tres Lagunas) obteve Menção de Honra no "Cuarto Certamen Nacional de Cuento y Poesía Juninpaís 2005". Na "Décima Convergencia

Internacional de Cuentos Juninpaís 2011", seu conto *Lázaro* (Ediciones de las Tres Lagunas) mereceu uma Menção Especial.

Nos relatos que conformam a presente obra, este advogado portenho convida-nos a debruçar sobre uma época marcada por contradições, na qual os protagonistas conservam ideais inquebrantáveis, além de suas conveniências pessoais.

Nestas histórias está presente o doutor Salvador Mazza, quem foi um lutador inabalável contra a doença de Chagas, mal endêmico que afeta ainda hoje milhões de latino-americanos com sequelas irreversíveis e milhares de mortes por ano. Outras personagens são apresentadas, como Quisque, um homem de província deslocado para a Cidade de Buenos Aires junto com a Mepra. Suas falas mostram uma grande firmeza moral e permitem-nos compreender seus lamentos pela paulatina desapareição da Missão de Estudos de Patologias Regionais criada pelo doutor Salvador Mazza.

A obra propõe aos leitores um percurso pelo mosaico de evocações do autor, com a advertência já formulada no prólogo: "Os contos que integram este livro são apenas narrações que misturam as vivências juvenis com o mágico mundo da ficção"

A versão para o português foi realizada pela tradutora Sandra Brachet-Cota, formada na Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Buenos Aires.